

A “eminência parda” estrelando o espetáculo: o banco mundial como protagonista

PEREIRA, João Márcio Mendes. **O Banco Mundial como ator político, intelectual e financeiro (1944-2008)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

Geovana Mendonça Lunardi Mendes

Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade de São Paulo – PUC/SP – Brasil
geolunardi@gmail.com

Vânio Cesar Seemann

Mestrando em Educação pela Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC – Brasil
vanio1971@yahoo.com.br

Para citar esta resenha:

MENDES, Geovana Mendonça Lunardi; SEEMANN, Vânio Cesar. Resenha do livro O Banco Mundial como ator político, intelectual e financeiro (1944-2008). *Revista Linhas*. Florianópolis, v. 16, n. 31, p. 331 – 336, maio/ago. 2015.

DOI: 10.5965/1984723816312015331

<http://dx.doi.org/10.5965/1984723816312015331>

O Banco Mundial tem atuado como ator político, intelectual e financeiro, com diferentes roupagens, decorrentes dos tensionamentos e disputas que emergiram de segmentos da sociedade global. Buscando aliviar as pressões e manter incólumes seus interesses a favor do desenvolvimento capitalista, alinhados ao poder e interesses norte-americano, criou, disseminou e fortaleceu suas ideias e políticas que se multiplicaram através de seus programas, seu *staff* e sua ampla rede de colaboradores. Esta é a ideia central que o presente livro apresenta, tendo sua gênese na tese de doutoramento do professor e pesquisador João Márcio Mendes Pereira, pela Universidade Federal Fluminense, em 2009.

O primeiro capítulo, intitulado *Grupo Mundial: estrutura e divisão interna de trabalho*, apresenta as organizações que constituem o Grupo Banco Mundial, com suas respectivas atribuições, área de atuação e *modus operandi*, a saber: o Banco Internacional para a Reconstrução e o Desenvolvimento (BIRD), a Associação Internacional de Desenvolvimento (AID)¹, a Corporação Financeira Internacional (CFI), o Centro Internacional para Conciliação de Divergências em Investimentos (CICDI), a Agência Multilateral de Garantias de Investimentos (AMGI), Instituto do Banco Mundial (IBM) e o Painel de Inspeção. Descreve as complexas relações formais e informais com diferentes atores e as relações de poder no interior do BM, marcadamente desigual em relação às composições e decisões, deixando nítida a supremacia dos Estados Unidos da América (EUA).

Do nascimento à consolidação – 1944-1962, o segundo capítulo, discorre sobre o contexto de influências e as estratégias políticas que antecederam e consolidaram a criação do Fundo Monetário Internacional (FMI), da Organização Internacional do Comércio (OIC) e do Banco Mundial que tem na Conferência de Bretton Woods (1944) seu nascedouro, tendo no horizonte a construção de um sistema de cooperação econômica pautado em regras e instituições multilaterais que evitasse o cenário do entre guerras, marcado por políticas protecionistas e desvalorizações cambiais competitivas. Contudo, com a proliferação de capitalismo nacionais e a ampliação do poder político e econômico da União Soviética - URSS, o BM, sob os auspícios da Doutrina Truman, em

¹ O BIRD e a AID formam o chamado Banco Mundial.

1947, revê sua estratégia política e foca no combate ao “contágio comunista” propondo o Plano Marshall. Nesse período, o foco dos financiamentos estava voltado à criação de infraestrutura física, visando fortalecer o processo de industrialização. Explicita as forças que levaram à criação da CFI, como alternativa para auxiliar empresas privadas e combater a expansão da URSS, e da AID. Com a AID, os EUA orientam o BM a expandir empréstimos aos países mais pobres em setores *soft* e fomentar o aumento da produtividade agrícola, a chamada *Revolução Verde*. Com a corrida tecnológica, quando a URSS já havia lançado o *Sputinik*, consolida-se a *Aliança para o Progresso* e se fortalecem os programas dentro da USAID e a criação dos *Corpos de Paz*, reconhecendo a necessidade não apenas de combater as resistências, mas preveni-las, sobretudo, nos países periféricos e, preponderantemente, nos campos.

O terceiro capítulo, *Crescimento acelerado, diversificação e ampliação do raio de influência – 1963-1968*, demonstra que a escassez de prestatários considerados solventes, o alto endividamento de seus clientes e a concorrência com outras instituições de fomento regionais leva o BM a redesenhar sua política. Combinou a suavização das condições de pagamento e o aumento da concessão de empréstimos e créditos. Desse modo, produziu tanto uma notável expansão de suas transações com países de renda média e baixa, considerados importantes na geopolítica da Guerra Fria, quanto a diversificação setorial em que passou a atuar. É nesse período que se iniciam os empréstimos na área da educação², abastecimento e saneamento, dentre outros, considerados não produtivos ou *soft*. Com essa capilaridade, o Banco expandiu e qualificou seu próprio corpo técnico (*expertise*). Destaca, por fim, que a ideia de pobreza relativa ganha força e a renda *per capita* torna-se a referência padrão para autorização dos empréstimos.

Desenvolvimento como segurança, assalto à pobreza e início do ajustamento estrutural: os anos McNamara - 1968-1981, título dado ao quarto capítulo, discorre sobre o processo de dinamização e expansão do Banco Mundial, sob a presidência de McNamara,

² A educação até então era vista como gasto social e não como investimento econômico. O Banco buscou financiar modalidades consideradas mais produtivas da educação, em particular, o ensino superior e, preponderantemente, o ensino técnico com foco agrícola, rejeitando a educação fundamental de massa, porque eram majoritariamente públicos e não engendravam a cobrança de taxas, logo, não eram considerados autofinanciáveis.

que fortaleceu o multilateralismo, despolitizando a assistência externa e tornando as transações mais opacas e de difícil acompanhamento pelos grupos sociais e, sobretudo, pelo Congresso Americano. Argumenta que houve expressiva produção de publicações especializadas para balizar a construção de indicadores econômicos e sociais, como também, a definição dos desafios para o desenvolvimento. A redução da pobreza assume centralidade no âmbito das políticas sociais com a intenção de descomprimir tensões, sobretudo as que emergiam do campesinato. São instituídos os programas de desenvolvimento rural e de desenvolvimento urbano com a tese de que a superação da pobreza dar-se-ia pelo aumento da produtividade dos pobres, no campo e na cidade, ou seja, a ideia de que os pobres eram aqueles que não estavam inseridos em atividades consideradas produtivas. A desigualdade, a exploração, a acumulação da riqueza e as modalidades predatórias do desenvolvimento capitalista eram mantidas inquestionáveis. Com a *pobretologia*, a pobreza é tomada como unidade de análise, parâmetro legítimo e foco obrigatório para toda e qualquer iniciativa no âmbito da assistência ao desenvolvimento.

O capítulo cinco, intitulado *Ajustamento estrutural, consolidação do programa político neoliberal e embates socioambientais – 1981-1995*, expõe o novo cenário da economia política internacional. O BM, associando a economia neoclássica e a plataforma política neoliberal, impulsionou políticas voltadas à redução do tamanho do Estado, à recuperação de custos em serviços públicos antes gratuitos e à dilatação do controle privado sobre a economia. Num cenário de crises do capital, como a do México, por exemplo, propôs-se o chamado *big bang* ou *tratamento de choque*³. Criaram-se programas paliativos de compensação social para aliviar, seletivamente e no curto prazo, o impacto do ajustamento sobre as parcelas da população mais atingidas, cunhados de *fortalecimento das comunidades*. Além disso, diante das tensões e críticas no que se referia aos projetos financiados e que interferiam negativamente nas questões ambientais, o BM promoveu a aproximação com os ambientalistas e as Organizações Não-Governamentais (ONG's). Dessa união com ONG's e ambientalistas, o BM ampliou

³ Os governos que implantassem medidas macroeconômicas duras de forma rápida e imediata enfrentariam menos desgastes políticos do que aqueles que não o fizessem.

seu raio de influência, demandas e deu origem ao neoliberalismo verde. Em 1989, o Banco passou a utilizar o termo governança associado à concepção de gestão, propondo a abertura dos mercados nacionais e a criação de instituições públicas eficazes. Saliente que nesse período os empréstimos dirigidos à educação cresceram substancialmente, com a chancela à formação de capital humano. Além disso, a influência do BM sobre o desenho das políticas educacionais ampliou-se em tal proporção que culminou no esvaziamento progressivo da ação da UNESCO, sobretudo quando os EUA e o Reino Unido se retiraram em 1984.

O último capítulo, denominado *Reciclagem e dilatação do programa político neoliberal – 1995-2009*, apresenta o enfoque integrado de desenvolvimento adotado pelo BM sob o discurso de pretender uma reforma administrativa, a boa governança, a reforma do Estado e o combate à corrupção, que se revelou ineficiente porque a corrupção era uma espécie de lubrificante para a expansão capitalista. Diante de um cenário turbulento na economia internacional e da expansão das críticas ao credo neoliberal, em 2004 o BM se pronuncia na defesa dos direitos humanos: a inclusão social e a participação são incorporadas à sua agenda e reconhece que é necessário educar e organizar a população de acordo com os preceitos da visão de mundo neoliberal.

Por fim, nas Considerações finais, reitera o fato de que o Banco Mundial tornou-se uma organização de grande complexidade e capilaridade, atuando junto a governos no “diálogo sobre políticas” e “assistência técnica”, tornando opacas suas negociações e suas relações com empresas multinacionais e corporações financeiras. Promovendo e mantendo um clima hospitaleiro às suas prescrições, investiu em pesquisas, relações públicas, formação profissional e articulação de uma ampla malha de atores que o colocam na condição de destaque no âmbito das políticas globais.

Seja pela temática do livro, seja pela qualidade da pesquisa histórica desenvolvida, estamos diante de uma obra fundamental para diferentes áreas da produção científica. O autor empreende, a partir de um olhar histórico, um trabalho analítico das fontes encontradas, com um rigor teórico e metodológico invejável. Suas contribuições são relevantes e necessárias para estudos na área da Economia, Educação, História,

Sociologia, enfim, para todos os campos científicos que almejam compreender melhor esse ator, posto em cena, nas análises desenvolvidas no livro.

Com um fôlego de quem sabe que está construindo uma obra fundamental, o autor nos mostra que é impossível compreender as políticas públicas de qualquer área na atualidade e no contexto local, sem compreender esta “eminência parda”, que se alça ao papel de protagonista e que atua com centralidade em vários campos.

Além de tudo isso, o livro impressiona por ser decorrência de uma Tese de Doutorado. Por tal razão, torna-se uma leitura também referência para quem almeja construir um trabalho sério, inédito e competente no âmbito do Doutorado. O autor nos mostra, pelo seu texto, que em meio ao produtivismo acadêmico, trabalhos fundamentais e de grande impacto ainda conseguem ser produzidos na Pós-graduação.

Recebido em: 11/05/2015

Aprovado em: 17/06/2015

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC

Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE

Revista Linhas

Volume 16 - Número 31 - Ano 2015

revistalinhas@gmail.com